



O prazer da música

Livro de Eric Siblin sobre as *Suítes* de Bach é um bom presente para as festas de fim de ano

Entre os livros publicados sobre música este ano no Brasil, *As suítes para violoncelo*, escrito por Eric Siblin, é bastante fora do comum. O título sugere um estudo musicológico austero e indigesto. Porém, não se trata disso. Poderia ser tomado por um livro de divulgação cultural. Mas vai além. É outra coisa: o autor discute questões espinhosas (por exemplo, para qual instrumento teriam sido de fato escritas essas suítes para violoncelo? Quais são as hipóteses plausíveis?) e toma posições a respeito.

Sua maior força é o tratamento vívido do tema. Siblin o enfoca à maneira de certos livros norte-americanos, cujo autor se põe a buscar informações e apresenta uma crônica de sua própria busca, como fez John Berendt em *The City of Falling Angels* (Penguin Books, 2006) a respeito do incêndio ocorrido no Teatro La Fenice de Veneza. Berendt organizou um dossiê substancial e mergulhou nas águas obscuras da sociedade veneziana. Livro que deveria ser traduzido e que interessaria todo apaixonado por música.

No entanto, *As suítes para violoncelo*, apesar de algumas semelhanças com esse gênero que se situa entre a reportagem e o diário, distingue-se bastante dele. Primeiro, o objeto não tem as seduções de um suspense criminoso: são as *Suítes* de Bach

para violoncelo! Segundo, Eric Siblin não está apenas fascinado, como um detetive, pelos caminhos de sua pesquisa. Está profundamente apaixonado por essas obras, que busca abordar e entender melhor, graças a audições, conversas, leituras, e mesmo graças a um aprendizado tardio do violoncelo, que o leva a uma intimidade estreita com elas.

O título completo do livro é *As suítes para violoncelo – J. S. Bach, Pablo Casals e a busca por uma obra-prima barroca* (É Realizações, 2014). O autor alterna capítulos sobre Bach e sobre Casals, supremo intérprete que instalou essas suítes nas salas de concerto. Até então, elas eram consideradas obras destinadas essencialmente ao estudo.

Eric Siblin é canadense, vivendo em Montreal. Havia sido um crítico de rock e de música pop. Teve a revelação das suítes em Toronto, na sala de concertos do Conservatório Real de Música, onde estava “para ouvir um violoncelista de quem eu nunca tinha ouvido falar tocar músicas que eu desconhecia completamente”. O programa desse recital – o violoncelista era Laurence Lesser – mencionava o papel de Casals na redescoberta das obras. Dizia também que “não existe um manuscrito reconhecido do compositor para essas obras”. O espírito de jornalista de Siblin se assanhou: o que teria acontecido com os manuscritos originais? E quem seria esse supremo violoncelista chamado Pablo Casals?

O livro nasceu desse encontro quase fortuito, provocado por uma noite sem nada para fazer e um recital que ocorria vizinho ao seu hotel. Siblin acrescenta: “Mas talvez eu estivesse procurando alguma coisa sem saber”.

O livro foi escrito para todos os tipos de leitores, aquele que conhece ou não música, que está familiarizado ou não com as suítes de Bach. Tem um mérito suplementar: o tratamento sem receios e sem veneração respeitosa pela cultura. Amor sincero, direto, franco. Uma lição de simplicidade, de afetos e prazeres sem esnobismos.

Siblin trata dessa questão numa passagem que transcrevo aqui: “Há uma cortina de pomposidade em torno dos concertos de música clássica. Ninguém acha que tem o direito de falar; limpar a garganta, só entre os movimentos, quando, aliás, não se deve nem aplaudir – somos forçados a ficar sentadinhos sobre as mãos até a obra terminar. Nem sempre as coisas foram assim tão reguladas. Até mais ou menos cinquenta anos atrás as plateias aplaudiam depois de cada movimento. E por que as plateias não poderiam soltar seus bravos! ou recompensar um solo fantástico em tempo real? À época de Bach não havia essa reverência toda.” E: “A única maneira de tirar a música clássica de um museu é parar de tocá-la num museu”.

Talvez há cinquenta anos as plateias já estivessem se disciplinando; não importa. Siblin tem razão: o prazer da música não deveria ser estorvado por rituais. É o que ele faz em seu livro, tornando-o assim tão apaixonante. ♦

